

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

JULIANO CÉSAR SILVA

**A ESCRAVIDÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: UMA
IMAGEM VERBAL DA REALIDADE BRASILEIRA NO CONTO PAI
CONTRA MÃE DE MACHADO DE ASSIS**

CURITIBA

2019

JULIANO CÉSAR SILVA

**A ESCRAVIDÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: UMA
IMAGEM VERBAL DA REALIDADE BRASILEIRA NO CONTO PAI
CONTRA MÃE DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida

CURITIBA
2019

TERMO DE APROVAÇÃO

**A ESCRAVIDÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: UMA IMAGEM
VERBAL DA REALIDADE BRASILEIRA NO CONTO PAI CONTRA MÃE DE
MACHADO DE ASSIS**

por

JULIANO CÉSAR SILVA

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Curitiba, 15 de outubro de 2019.

Profº. Dr. Rogério de Almeida
Prof. Orientador

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Membro titular

Profa. Dra. Maurini de Souza
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

RESUMO

SILVA, Juliano César. A Escravidão na Segunda Metade do Século XIX: Uma Imagem Verbal da Realidade no Conto *Pai Contra Mãe* de Machado de Assis. 19 p. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

As discussões acerca do enquadramento da narrativa histórica enquanto científica ou literária ganharam destaque na segunda metade do século XX a partir das ideias levantadas por Hayden White. Tal artigo propõe uma breve apresentação dessas discussões, concordando com a proposta de White, e tendo como objetivo final considerarmos o conto *Pai Contra Mãe* de Machado de Assis como parte da historiografia brasileira.

Palavras chave: Hayden White. Narrativa Histórica. Teoria da História. Machado de Assis.

SUMÁRIO

1 UMA BREVE HISTÓRIA DA NARRATIVA.....	7
2 RESUMO DO CONTO.....	12
3 O CONTO PAI CONTRA MÃE COMO HISTORIOGRAFIA.....	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
5 REFERÊNCIAS.....	19

1 UMA BREVE HISTÓRIA DA NARRATIVA

A Escola dos Annales, desde o seu início, introduziu novas maneiras de se pensar a História, de compreender o que é uma fonte histórica e, conseqüentemente inovações na produção do conhecimento histórico. Isso é tão significativo e importante para o estabelecimento da História como um campo específico do conhecimento, que até mesmo materiais didáticos utilizados em níveis da Educação Básica apresentam considerações sobre tal assunto.

A partir do final da década de 1920, surgiu uma nova corrente historiográfica na França, chamada Escola dos Annales, que influenciou diversas gerações de historiadores de várias partes do mundo. A preocupação fundamental dessa corrente era a ampliação do olhar do historiador e das fontes utilizadas por ele. Dessa forma, o trabalho do historiador não consistiria em garantir a objetividade ou encontrar uma verdade absoluta no resultado da pesquisa histórica mas, sim, perceber que muitas novas abordagens poderiam ser feitas e muitas outras fontes, além dos documentos escritos e oficiais, poderiam ser consideradas para se compreender o passado (MOTOOKA, 2017, p. 9).

De uma maneira geral, os historiadores dos Annales buscavam firmar a História como uma Ciência, ou seja, desenvolver e identificar um método rígido de produção do conhecimento que a colocasse em par de igualdade acadêmico com outras Ciências Humanas e Sociais, como a Sociologia e a Antropologia. Visando obter e propor conhecimentos históricos mais completos, os historiadores dos *Annales* ampliaram os horizontes da História, desenvolvendo uma história-problema, que objetivava registrar aspectos da experiência humana além do político, e para tal, era necessário dialogar com outras ciências, como cita Burke ao apresentar as principais inovações propostas pelo movimento:

Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras. (BURKE, 2010, p. 12)

A produção historiográfica existente antes do surgimento dos Annales, como denominou Peter Burke "O Antigo Regime na Historiografia" apresentou variadas formas, porém as dominantes foram as narrativas de acontecimentos políticos e

militares, também compreendida como História dos grandes chefes militares e reis que só passou a ser contestada durante o Iluminismo, quando surgiram preocupações com aspectos sociais¹. Porém, os esforços empreendidos por autores como Voltaire e Edward Gibbon em integrar a sua produção historiográfica traços do social, logo foram deixados de lado pela geração seguinte, que teve como seu expoente máximo Leopold von Ranke, pelo fato de voltarem os olhares de *Clio* para a política, apresentando como diferencial o foco das pesquisas em arquivos oficiais produzidos pelos Estados.

No século XIX, destoando de Ranke, seus seguidores e seu fascínio pelo método, pela política e pelos arquivos, encontramos Michelet e Burckhardt, que apresentavam uma visão mais ampla da História, como narra o autor:

Michelet e Burckhardt, que escreveram suas histórias sobre o Renascimento mais ou menos na mesma época, 1865 e 1860, respectivamente, tinham uma visão mais ampla da história do que os seguidores de Ranke. Burckhardt interpretava a história como um campo em que interagiam três forças – o Estado, a Religião e a Cultura. (BURKE, 2010, p. 19)

Os *Annales* teceram muitas críticas ao Historicismo de Ranke e ao seu tipo de escrever a História, a história-narrativa ou historizante², que apenas narrava fatos realizados por grandes personagens e também os grandes acontecimentos nacionais. Deve ser levado em consideração que, autores como Lucien Febvre, fundador dos *Annales* ao lado do brilhante Marc Bloch, criticavam a "história-narrativa" apenas enquanto corrente historiográfica e de maneira alguma a "narrativa" em si, ou seja, a escrita da história, como comenta Hartog sobre Febvre :

Ao criticar uma concepção obsoleta da ciência (aquela reivindicada pela história positivista que, em sua opinião, ficara atrelada a Claude Bernard), ele pretendia levar ou reconduzir a história para o lado da ciência viva, mas, de modo algum, aproximá-la da narrativa de ficção, tampouco de dissolvê-la nessa narração. O historiador constrói seu objeto, a semelhança de um cientista, não como um romancista. Ao declarar que "os fatos são fatos", Febvre não pensava, de modo algum, em apresentá-lo como um mestre da intriga; ele defendia uma história mais científica ou verdadeiramente científica, convidando a refletir sobre suas condições de elaboração (...). Mas, ele não lançava, de modo algum, um questionamento sobre a *escrita* da história: sobre a narrativa. (HARTOG, 2017, p. 176-177)

¹ Peter Buker analisa essa fase da produção historiográfica e também as 3 gerações dos *Annales* em seu clássico *A Escola dos Annales*.

² Francois Hartog discorre mais acerca de tal assunto em seu capítulo Disputas a respeito da narrativa, presente na obra *Evidência da História O Que os Historiadores Veem*.

Percebe-se assim que por maiores que tenham sido os esforços acerca do aperfeiçoamento da História, os Annales, ao menos em suas duas primeiras gerações, não realizaram questionamentos acerca da narrativa em si, mas buscavam sempre considerar o conhecimento histórico como científico, distinguindo-o das narrativas ficcionais, ou da literatura enquanto arte, e também dissociando "história-narrativa" da sua "história-problema.

De acordo Hayden White, essa busca pelo desenvolvimento de uma historiografia tida como científica e que buscou se desvincular de todos os aspectos de um texto compreendido como ficcional, é algo muito recente, sendo a História até os tempos da Revolução Francesa compreendida como uma arte Literária, em que se consideravam durante a produção do texto histórico, tanto eventos reais quanto elementos imaginativos.

Antes da Revolução Francesa, a historiografia era considerada convencionalmente uma arte literária. Mais especificamente, era tida como um ramo da retórica, com sua natureza "fictícia" geralmente reconhecida. Conquanto os teóricos do século XVIII distinguissem um tanto rigidamente (e nem sempre com uma adequada justificativa filosófica) entre "fato" e "fantasia", em geral não viam na historiografia uma representação dos fatos não-desvirtuada por elementos de fantasia. Embora admitissem a necessidade geral de relatos históricos que tratassem de eventos reais, e não imaginários, os teóricos desde Bayle até Voltaire e de Mably reconheciam a inevitabilidade de um recurso a técnicas ficcionais na *representação* de eventos reais no discurso histórico. O século XVIII foi fértil em obras que distinguem entre, de um lado, o estudo da história e, de outro, a escrita da história. A escrita era um exercício literário, especificamente retórico, e o produto desse exercício devia ser avaliado tanto segundo princípios literários quanto científicos. (WHITE, 2014, p. 139)

Discordando diametralmente da Escola dos Annales enquanto a cientificidade da escrita da história, temos o teórico estadunidense Hayden White, já citado anteriormente, que irá compreender a História não como uma ciência, mas sim identificar a *narrativa* histórica como um artefato literário, pertencendo ao campo das artes. Tal compreensão gerou enorme relutância em vários historiadores, como cita o autor:

Mas de um modo geral houve uma relutância em aceitar narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tão *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências. (WHITE, 2014, p. 98)

Hayden White, autor estadunidense, doutor pela Universidade de Michigan, que ocupou cargos em várias instituições em seu país de origem, foi um dos principais questionadores sobre cientificidade da História, tendo como um seus textos mais conhecidos *Meta-história* (de 1973). Em outro de seus trabalhos, também de enorme expressividade e até hoje muito significativo e pertinente, o capítulo *O Texto Histórico como Artefato Literário*, presente na obra *Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a crítica da cultura* (1994), o autor apresenta a sua ideia de História como narrativa literária e não como uma Ciência. Para White é apenas através da narrativa que o passado chega até o presente, e para que tal passado nos seja compreensível, tal narrativa deve ser produzida de acordo com alguns padrões culturalmente aceitos, denominados pelo autor como estruturas de enredo pré-genéricas. De acordo com o autor, a narrativa histórica atua como um intermediário entre o passado e o leitor, um artefato literário que torna o evento passível de compreensão. Durante o processo de composição das narrativas, realizado pelo historiador, ou como denomina Michel de Certeau durante a Operação Historiográfica, este deve selecionar a relevância que o fato a ser narrado adquire segundo sua percepção entre uma sequência de outros fatos, sendo a narrativa histórica inventada pelo historiador, e que assim chega o fato ao leitor e não de maneira pura, sendo concedido pelo historiador o sentido que determinado evento teve, tornando-se essa narrativa uma metáfora, um símbolo do evento. Argumentando sobre a narrativa histórica, White nos afirma:

Elas conseguem dar sentido a conjuntos de acontecimentos passados, além e acima de qualquer compreensão que forneçam, recorrendo a supostas leis causais, mediante a exploração de singularidades metafóricas entre os conjuntos de acontecimentos reais e as estruturas convencionais de nossas ficções. Pela própria constituição de conjunto de eventos com vistas a criar com ele uma estória compreensível, o historiador impõe a esses eventos o significado simbólico de uma estrutura de enredo compreensível. (WHITE, 2014, p. 108)

Roiz sintetiza a ideia da seguinte forma:

A História seria uma representação do passado, assim como as fontes utilizadas pelo historiador já o seriam. E por isso ela não seria uma ciência, estando mais próxima da arte, uma vez que seu discurso não era realista e o que os historiadores faziam era uma construção de versões que se diversificavam de acordo com as circunstâncias da época. Ou ainda, de acordo com os lugares sociais de onde estivessem falando dos problemas que levantavam e os instigavam em suas pesquisas. (ROIZ, 2006, p. 261)

Em outro artigo publicado no mesmo livro, denominado *As Ficções Da Representação Factual*, Hayden White reitera sua compreensão acerca da narrativa histórica como pertencente ao campo das Artes. O autor inicia o texto distinguindo a ocupação do historiador e a do escritor de um texto *ficcional*, enquanto aquele ocupa-se de eventos que são (ou foram) observáveis ou perceptíveis, este ocupa-se tanto desse tipo de evento quanto dos imaginativos, hipotéticos ou inventados (WHITE, 2014, p.137). Sobre o problema entre as distinções dos eventos escreve White:

O que nos deveria interessar na discussão na "literatura do fato" ou, como preferi chamar, das "ficções da representação factual", é o grau em que o discurso do historiador e o do escritor imaginativo se sobrepõem, se assemelham ou se correspondem mutuamente. Embora os historiadores e os escritores de ficção possam interessar-se por tipos diferentes de eventos, tanto as formas de seus respectivos discursos como os seus objetivos na escrita são amiúde os mesmos. Além disso, a meu ver, pode-se mostrar que as técnicas ou estratégias que se valem na composição dos seus discursos são substancialmente as mesmas, por diferentes que possam parecer num nível puramente superficial, ou diccional, dos seus textos. (WHITE, 2014, p. 137)

De acordo com White, o trabalho do historiador é criar uma estrutura ficcional narrativa, para que o leitor compreenda o fato, não diferindo assim do trabalho de um escritor da literatura, que criou um enredo para que seu leitor compreende-se a mensagem que esse visava passar, conferindo igualdade entre a produção do texto dito "histórico" e o dito "literário" com critérios de historicidade.

Não podemos distinguir com facilidade entre eles, em bases formais, a menos que os abordemos com pré-concepções específicas sobre os tipos de verdade de que cada um supostamente se ocupa. Mas o escopo do escritor de um romance deve ser o mesmo que o do escritor de uma história. Ambos desejam oferecer uma imagem verbal da "realidade". (WHITE, 2014, p. 137)

Partindo das ideias apresentadas pelo autor, podemos considerar tanto narrativa-histórica quanto a narrativa-literária com o mesmo valor, pois ambas têm o mesmo objetivo, "oferecer uma imagem verbal da "realidade". Assim sendo, iremos então analisar um dos contos mais emblemáticos de Machado de Assis, o conto *Pai Contra Mãe*, como produção historiográfica, apresentando elementos da sociedade brasileira vivenciados pelo autor.

2 RESUMO DO CONTO

Em seu conto "Pai contra mãe" publicado na obra *Relíquias da Casa Velha* em 1906, Machado de Assis nos apresenta a sofrida história do casal Cândido e Clara, que busca ter condições financeiras para poder satisfazer o desejo de ter um filho. A história acontece entre os anos 1850 e 1860, percepção que pode ser conferida no início do texto quando o autor, que escreve em primeira pessoa diz " Há meio século, os escravos fugiam com frequência".

No conto, Cândido é um homem livre pobre que vive no Brasil da segunda metade do século XIX, portanto durante o Segundo Reinado, sempre mudando de empregos, não tendo, como fala Tia Mônica, tia de Clara, um ofício. Casa-se com Clara, e vão fazer moradia junto a Tia Mônica. Clara engravida de Cândido, a partir daqui se considera o fato de que ambos os protagonistas carregam em seus nomes uma sugestão de pureza e castidade, e desde o início da gravidez são questionados por tia Mônica sobre o futuro de tal criança e se terão condições financeiras para criá-la, ficando isso claro no diálogo entre esta e Clara:

-Vocês verão a triste vida, suspirava ela. --Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara. --Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco... --Certa como? --Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo? (2018, p. 1)

Candinho, em claro paradoxo ao seu nome, decide trabalhar na captura de escravos fujões, ofício que pagava bem a época, e é graças a esse ofício que consegue sustentar sua família. Apenas no final do conto ele aparece em contato com Arminda. Arminda era uma escrava que por estar grávida havia fugido de seu dono, imaginando encontrar com essa fuga a única alternativa para tentar gerar e criar seu filho ou filha. Candinho sempre lia os jornais, espaços de anúncios dos senhores de escravos fugidos e suas respectivas recompensas, como cita Assis "Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas."

Durante uma de suas pesquisas, Cândido Neves vê a possibilidade perfeita para poder dar continuidade à ideia de criar seu filho que já estava condenado à Roda dos enjeitados, local em que eram deixadas as crianças por pais que não às conseguiriam dar sustento. O anúncio de uma escrava que pagava uma ótima

recompensa. Cândido tenta encontrar a escrava fugida, Arminda, mas logo desiste e decide que irá entregar seu filho. No caminho para a Roda, Cândido depara-se com Arminda e consegue capturá-la. Entrega-a a seu senhor e recebe o combinado pela captura. A escrava com certeza seria surrada por seu senhor e perderia a criança, não podendo ser Mãe, ao ponto de Candinho, agora com o dinheiro da recompensa recebida pela escrava fugida, "consagrar" seu sonho de ser Pai e afirmar "Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração."

3 O CONTO PAI CONTRA MÃE COMO HISTORIOGRAFIA

Machado de Assis, em *Pai contra Mãe*, busca não deixar silenciar um dos maiores crimes cometidos na História brasileira que foi a escravidão, e aborda também a violência e a pobreza de nossa sociedade em meados do século XIX. O autor inicia o texto apresentando instrumentos de tortura utilizados contra os negros e suas "funções", traços da violência do período:

Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. (2018, p. 1)

A violência contra o negro presente na obra, e conseqüentemente, no Brasil do período em que se passa, é demonstrado ironicamente por Machado de Assis como algo natural, não como um elogio, mas como uma constatação da época, sendo que o autor viveu tal período, tendo propriedade para discorrer sobre ele. São várias as situações de violência contra o negro presentes na obra. Como o trecho em que Candinho, que trabalhava capturando escravos fujões por ser homem livre pobre e por tal ofício pagar bem, passa com Arminda, escrava grávida fugida que havia acabado de capturar, para que ele pudesse com a recompensa criar o seu filho, e ninguém reage àquilo tentando impedir Candinho em sua ação. Moraes nos descreve muito bem tal cena:

Este drama de Cândido, que necessita abandonar seu filho recém nascido, contrapõe-se ao da escrava que ele captura no dia em que iria levar o filho à roda. Arminda, a escrava fugida, estava grávida e fugira do cativoiro, provavelmente para proteger o filho. O anúncio da sua fuga com a recompensa prometida encheu Cândido de esperanças que com o dinheiro não precisaria abandonar seu filho. Ele consegue capturar a escrava Arminda e arrastá-la pelas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro até a casa do seu senhor. Durante o caminho, Arminda pede para que não seja entregue porque temia pela sua sorte e a do filho que esperava. Sem se sensibilizar, Cândido entrega a escrava ao seu senhor e recebe a quantia prometida. A escrava nesse momento aborta o filho e Cândido volta para a casa com o seu. (MORAES, 2009, p. 2)

Os personagens trazidos por Machado de Assis no conto, assim como em outras obras, por exemplo *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, servem também como um bom exemplo de que um texto literário pode ser também historiografia, pois representam aspectos da sociedade. Em *Pai contra mãe*, seus personagens reproduzem a realidade da sociedade brasileira que vigorou do início de sua colonização até o 13 de maio, descrita da seguinte maneira por Roberto Schwarz:

Para descrevê-la é preciso retomar o país como todo. Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o homem livre, na verdade dependente. (SCHWARZ, 1992, p. 15-16)

O latifundiário, portanto membro de uma elite agrária, aparece no personagem que é dono de Arminda, Arminda representa os escravos, Cândido Neves e Clara formam os brancos livres, e, como a maioria dos brancos livres que viviam durante o período em que se passa o conto, são também pobres, e, além disso, dependentes desse sistema escravista que naturalizava a escravidão. Machado de Assis, que sempre se utiliza da ironia, chama de "ofício do tempo": pois como já dito, Candinho tinha como seu ofício atual o de capturar escravos, realizado sempre de maneira violenta, chamado por Machado de Assis como um "ofício do tempo":

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem. (2018, p. 2)

Esse trecho apresenta a historicidade da profissão, que foi muito presente entre os anos de 1850 e 1888, a descrição feita pelo autor partiu de seus princípios próprios, em que ele selecionou tal ofício em meio a tantos outros da época, que deixaram também de existir após a Abolição. Sobre a relação entre o estilo de escrita de Machado e a sociedade representada Schwartz escreve:

Ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado compunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica. (SCHWARZ, 1997, p. 11)

Tal escolha aponta para a intenção de demonstrar a violência do Brasil da época e a dependência das classes mais pobres em relação à elite e portanto, da escravidão. Isso serve como um exemplo da ideia de Hayden White apresentada anteriormente, pois o que Machado de Assis fez ao escrever seu conto foi oferecer uma imagem verbal da realidade.

Não podemos deixar de levar em consideração, que os dois textos de Assis citados aqui são do período em que o autor é considerado como um realista. O Realismo, é uma vertente artística que surge durante o século XIX e que tinha como característica desnudar a sociedade. Segundo Stringueti:

A literatura realista nasceu atrelada a diversas discussões relacionadas a política, sociedade, ciência, economia e cultura, sendo caracterizada por narrativas densas, de teor psicológico, com a preocupação dos escritores em problematizar e contextualizar o mundo vivenciado pelas personagens em suas obras. (STRINGUETTI, 2018, p. 73)

Machado de Assis escreve tal conto no ano de 1906, durante o período da chamada República Velha. O Brasil não havia completado ainda nem 20 anos da emancipação dos escravos, sendo ainda muito presentes os traços da escravidão em nossa sociedade, dentre eles a violência contra os negros e as diferenças sociais, sendo que o governo brasileiro não apresentou nenhum programa para inclusão do negro em nossa sociedade, como citam as pesquisadoras sobre a Lei Áurea de 1888:

Se ela significou um ponto final no sistema escravocrata, não priorizou uma política social de inclusão desses grupos, os quais tinham poucas chances de competir em igualdade de condições com demais trabalhadores, sobretudo brancos, nacionais ou imigrantes. (SCHWARZ; STARLING, 2015, p. 342)

Muito pelo contrário, o governo brasileiro deixou a população negra a sua própria sorte e além disso incentivou a entrada de imigrantes europeus no país para branquear a nossa sociedade, sinônimo de progresso, sendo a população negra sinônimo de atraso, como nos apresentam as autoras:

Henrique Roxo, médico do Hospício Nacional, em pronunciamento no II Congresso Médico Latino-Americano de 1904 asseverava que negros e pardos deveriam ser considerados com "tipos que não evoluíram"; "ficaram retardatários". Segundo ele se cada povo carregava um "tara hereditária", no caso desses grupos ela era "pesadíssima", levando a vadiagem, ao álcool e demais distúrbios mentais. (SCHWARZ; STARLING, 2015, p. 343)

Machado de Assis percebia e escrevia sobre esse processo de tentativa de esquecimento da escravidão brasileira, e sobre a escravidão de uma maneira geral, ao contrário do que dizem alguns de seus críticos como Sílvio Romero e Gilberto Freyre que colocavam o autor como isento sobre tal assunto³. Um bom exemplo disso é o conto aqui citado que apresenta inúmeras referências a percepção de Assis sobre o assunto. Um dos maiores especialistas do Brasil na obra de Machado de Assis, o historiador Sidney Chalhoub, autor de livros como *Machado de Assis, Historiador*, em entrevista a *SÆCULUM - Revista de História*, quando questionado sobre as identidades branco, mulato e afro-descendente em Machado de Assis disse o seguinte:

Já em 1906, Machado de Assis publicara *Pai contra Mãe*, um conto que parece destinado a fazer lembrar os horrores da escravidão, reavivar a memória dela quando a sociedade brasileira já parecia adquirir a bossa de silenciar sobre tais assuntos. O primeiro parágrafo do conto descreve as torturas que se faziam aos escravos: a máscara de lata, ferros, açoites. Era o jeito de Machado denunciar a produção do silêncio, de lutar contra o esquecimento que se anunciava sobre o legado da escravidão. (BEHAR; CURY; FLORES;, 2009, p. 200)

Além do conto analisado aqui, em outros momentos da produção intelectual machadiana, podemos identificar trechos de sua relação com a História, como segue o excerto retirado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões; cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. (ASSIS, 2012, p. 70-71)

Nesse trecho o autor trabalha com um conceito atualmente conhecido como Regime de Historicidade, que não vem aqui ao caso, servindo apenas para justificar a profunda relação de Assis com a História e também como um narrador e antes de tudo, um homem dotado de uma enorme percepção sobre o tempo em que vivia

³ SCARPELLI, Marli Fantini "PAI CONTRA MÃE", DE MACHADO DE ASSIS: A NEGATIVA DAS NEGATIVAS. Via atlântica n. 6 out. 2003. Pág 121-133.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como um historiador seleciona o viés que busca dar a um evento histórico durante o processo de escrita de seu texto - se for um marxista dará atenção a luta de classes, um positivista aos grandes heróis, um foucaultiano às relações de poder, e etc. - Machado de Assis como um autor realista, apreendeu e descreveu alguns aspectos da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX para a escrita do seu conto, nesse caso a escravidão. Sendo assim, o processo de produção de um texto literário e de um historiográfico em nada diferem, pois partem da seleção de elementos presentes na realidade que possibilitem a construção de uma metáfora, e tal metáfora deve tornar o assunto tratado no texto passível de compreensão. Tal constatação serve de justificativa para as ideias de Hayden White de que o texto histórico.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Conto Pai Contra Mãe disponível para acesso em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf> acessado em 18/06/2018
- ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BEHAR, Regina Maria Rodrigues de; CURY, Claudia Engler; FLORES, Elio Chaves. HISTÓRIA, LITERATURA E LEGADOS HISTORIOGRÁFICOS: ENTREVISTA COM SIDNEY CHALHOUB. sÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA [20]; João Pessoa, jan./jun. 2009. Pág 183-201.
- BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.
- MOTOOKA, Débora Yumi. Geração Alfa História - Volume 6. São Paulo: Edições SM, 2017.
- MORAES, Renata Figueiredo de. Pai contra mãe: a permanência da escravidão nos contos de Machado de Assis. Revista do 4º Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Pág 1-12. Curitiba, 2009
- ROIZ, Diogo. A 'crise de paradigmas' nas Ciências Sociais, uma questão relativa à teoria da história?. TOPOI, v. 7, n. 12, jan.-jun. 2006, pp. 261-266.
- SCARPELLI, Marli Fantini "PAI CONTRA MÃE", DE MACHADO DE ASSIS: A NEGATIVA DAS NEGATIVAS. Via atlântica n. 6 out. 2003. Pág 121-133.
- SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M.. BRASIL: UMA BIOGRAFIA. São Paulo: Companhia das Letras, 2015
- SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Editora 34, 1997.
- STRINGUETTI, Lucas Mateus Vieira de Godoy. Opressão e escravidão no episódio do vergalho em Memória Póstumas de Brás Cubas. Revista Vernáculo n.º 41 – primeiro semestre /2018.
- WHITE, Hayden. Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.